

O Sorocabano (folha de S. Paulo) que isso publicou, foi mal informado, diz a *Reforma* do Rio em seu n. de 15 de Abril de 1870:

O mimoso improviso que transcreveu, não pertence ao barão de Itamaracá, mas a José Eloy Ottoni.

Dil-o uma tradição de mais de quarenta' annos, na família do poeta Mineiro.

O seu a seu dono.

José Eloy Ottoni abraçado com a harpa do santuario, passou as suas horas de reponso na doce vida de ecoar as sublimidades de Job, como Caliasa do som da voz que applicava as fúrias do mau espirito no desgraçado Saul.

(M. de A. Porto Alegre—*Revista Trimensal*—Tom. 15, pag. 532.)

O merito subido do poeta brasileiro José Eloy Ottoni já ora reconhecido antes da sua morte.

O Livro de Job por elle traduzido em verso, é um florão novo que vem prender-se a corda, que elle brilhantemente conquistara com a bella traducção que fez dos Proverbios de Solomão.

As nações escoltam-se, e fulguram como o esplendor do genio de seus filhos, e sempre que honram a memoria de seus grandes poetas, nobilitam-se e engrandecem aos olhos da humanidade.

José Eloy Ottoni é um desses homens, que tem o poder de illustrar seu berço e de realçar a patria.

(D.º Joaquim Manoel de Macedo — *Revista Trimensal* — Tomo 18, a pagina 23 — Supplem. — Anno 1855.)

FREI JOSÉ MARIANNO DA CONCEIÇÃO VELLOSO (*)

(N. em 1742 — M. em 1811)

Não so da França nos patricios lares
Ouvi contento resoar teus vivas.

Bocage.

O homem de eximias virtudes, ou de grandes talentos, diz M. Thomaz (**), tem direito a nossa homenagem e respeito, embora a Natureza o haja collocado em paiz tão distante, donde não possa immediatamente influir sobre a nossa felicidade.

O fundamento com que lhe devemos tributar veneração é a gloria que os homens de intelligencia não vulgar esparzem sobre seus semelhantes, e a carencia que temos de sua coadjuvação, afim de sobrepjarmos a nossa franqueza.

Mas, si nascido entre nós, ou fixado por escolha em nossa patria esse homem preste relevantes serviços ao Estado por suas luzes, si o orna por suas virtudes exemplares, então o reconhecimento nos impõe um dever sagrado de lhe outorgarmos signaes de veneração, e força é que assim o pratiquemos, pois que o interesse do genero humano o exige e reclama.

Este é o motivo porque todas as nações cultas tem feito sempre os esforços possiveis para eternisarem a memoria d'aquelles que as honraram por serem os homens de genio e de talento em todo genero os mais bellos florões da corda da patria.

Este tambem o motivo porque a Terra de Santa Cruz, agora que convergindo como em foco as luzes derramadas por todo o globo, faz esforços coroados do successo por expellir de seu seio os ultimos vestigios de um indifferentismo já reprehensivel...

Neste momento o Brasil acaba de ver uma reunião de individuos amantes de seu paiz, ajuntarem-se sobre a immediata protecção do

(*) Elogio Historico pelo segundo Secretario do Instituto Manoel Ferreira Lagos, publicado na *Revista Trimensal*—Supplemento ao Tomo 2.º, a pag. 40.

(**) Elogio historico de Maurice, comte de Saxe.

seu augusto monarcha asim do dilucidar os innumeraveis factos da historia da atriv, arrancar das garras do esquecimento os nomes daquelles que mais a illustraram, e que por incuria se achavam sepultados no mais vergonhoso olvido.

Ha menos os grandes homens, diz um celebre escriptor, e os grandes homens apparecerão em chusma.

O Padre Mestre Frei José Marianno da Conceição Velloso, que no seculo chamava José Velloso Xavier, viu a luz e foi baptisado na freguezia de Santo Antonio, da Villa de S. José d'El-Rei, comarca do Rio das Mortes, Bispo de Marianna, (Minas Geraes), no anno de 1742.

Era filho legitimo do Joé Velloso do Carmo e de sua mulher d. R'ta de Jesus Xavier.

Ainda bem cedo, manifestou o jovem brasileiro aquella grande inclinação ao estudo, porque tanto se distinguia depois; o conhecido-rea sensa poci, de que a natureza apenas esboça o homem, e que só é attributo da educação o aperfeiçoal-o, pois, só a ella deve elle tudo o que é, como diz Seneca, sollicitos mostraram se em que as disposições herdadas correspondesse a necessaria cultura, pois ainda bem não contava seis annos deram começo a sua educação litteraria, fazendo-o estudar os rudimentos das primeiras lettras.

Era de ver o affincio com que o jovem Marianno entrou na sua carreira litteraria, pois, um pensamento arrebatado pelo amor ao estudo, a proporção que as suas faculdades intellectuaes, se iam desenvolvendo, foram sempre os livros e a contemplação dos productos naturaes; o unico passatempo da sua mocidade, sendo para notar-se que desde a sua infancia se manifestou nelle um desejo ardente de penetrar os arcanos das sciencias Naturaes, que eram as que mais promettiam, pois encerravam myriades de segredos, de cujo descobrimento, a contemplação do Universo deixava a sua alma cobigosa, e por assim dizer nobremente insofrida: e ao passo que por meio do estudo ia descobrindo os dilatados horizontes da esphera de conhecimentos humanos, accendia-se-lhe mais vivo ardor de as comprehender e abarcar.

De todos os ramos que fazem objecto da Historia Natural, foi sempre a Botanica o seu predilecto, pois, apesar de o applicarem unicamente ao Latim, como a todos os seus companheiros apenas viu plantas tornou-se Botanico.

Posquisava seus nomes, com attenção notava suas differenças, e mesmo muitas vezes deixou de ir a aula asim de se entranhar nos bosques e procurar flores, e estudar a natureza em logar da lingua dos antigos Romanos.

A maior parte dos individuos que se têm tornado insignes em qualquer sciencia ou arte, nunca tiveram mestros, como mui bem nota M. Fontenelle.

Assim succedeu com o nosso botanico, pois, em muito pouco, pouco conseguia aprender por si só a conhecer todas as plantas dos arredores do lugar do seu nascimento.

Concluido o seu curso de latinidade, anhelando seus paes fazel-o seguir a carreira monastica, apesar de conhecerem que a natureza tinha procurados formar mais nelle um Licão, do que um Pascal, o remetteram para esta provincia, onde foi accedido á ordem de S. Francisco pelo Revmo. Provincial Frei Manoel da Encarnação, o tomou o habito no Convento de S. Boaventura da Villa de Macacú, sendo guardião o padre mestre Frei José da Madre de Deus Rodrigues, aos 11 de Abril de 1761.

No mesmo Convento professou aos 12 de Abril de 1762.

Veio então matricular se no Curso de Phylosophia no Convento de Santo Antonio desta Cidade pelo Provincial acima referido, e teve por lente o ex-reitor de Theologia Frei Antonio da Annunciação.

Fez progressos em todos os seus estudos, distinguindo-se sempre de seus companheiros, até que no anno de 1766 recebeu Ordens Menores e Sacras pela imposição de mãos do Rev. Provincial D. Frei Antonio do Desterro, com lettras do Rev. Provincial Frei Ignacio da Graça.

Foi eleito Pregador em 23 de Julho de 1768, e instituido confessor de seculares, e Passante da Geometria da cidade de S. Paulo a 27 de Julho de 1771.

Seus talentos na arte oratoria fizeram com que elle fosse nomeado Lente de Rhetorica para a mesma Cidade de S. Paulo a 8 de Maio de 1779; bem como, devem tambem ao seu saber a nomeação de Mestre de Historia Natural a 25 de Janeiro de 1786, o que lhe foi summamente agradavel, por poder então mais livremente transmittir a seus semelhantes os inexgotaveis delicias de uma sciencia, cujo gosto lhe era innato.

.....
Para felicidade nossa, quiz a Providencia que no anno de 1779 viesse governar o Brazil na qualidade de Vico-Rei, um portuguez distincto de abalizado saber, acerrimo protector e extraordinariamente amigo dos homens dignos de sua amizade, por qualquer merecimento, ou nas sciencias, ou nas artes liberaes.... o illustre Luiz de Vasconcellos e Sousa.

Ter noticia da paixão, que nutria o genio Brasileiro pelo estudo da Botanica, travar com elle intima amizade, e procurar tornal-o mais util á sua patria, foram objectos de um momento; mas, convencido de que a Botanica não é uma Sciencia sedentaria e preguiçosa, que se possa conquistar no reponso e no resguardado de um Gabinete, como a Geometria e a Historia, ou mesmo como a Chimica, a Anatomia e a Astronomia, que apenas requerem operações de pouco movimento... que os unicos livros que nos podem instruir a fundo sobre a Botanica foram lançados ao acaso sobre toda a super-

fleio da terra, motivo porque é tão raro ser insigne nesta Sciencia : capacitado, finalmente, do que os Botânicos, segundo o pensamento de um engenhoso escriptor, são como os povos anómados, destinados a conquistar seu alimento por viagem penosas, por grandes e perpetuas peregrinações :—intimou ordem ao provincial Frei José dos Anjos Passos, para que o Padre Marianno fosse fazer excursões botânicas por toda a Província do Rio de Janeiro.

Nada podia ser mais grato ao illustre Tournéfort Brasileiro...

Som embargo de ser interrompido o seu util trabalho pelo acommettimento de uma ophthalmia, que, por oito mezes consecutivos, o trouxe em continuo susto de perder para sempre a vista, molestia essa adquirida na viagem que fez as quinze ilhas do rio da Parahyba do Sul, em que alternava com os trabalhos philosophicos, os apostolicos, na conversão dos Indios da Nação denominada *Avary*... conseguiu levar a cabo a futura dessa celebre e elaborada obra escripta em Latim e tendo por titulo :

Flora Fluminense ou descripção das plantas que nascem espontaneamente no Rio de Janeiro.

Esta obra terminada em 1790, dedicada a D. Luiz de Vasconcellos e admirada pelos professores de Historia Natural de Lisboa, compo-se de 1540 vegetaes, classificados segundo o systema de Lynceus, e pela maior parte de generos e especies novas, desenhadas com toda a perfeição pelo habil Frei Francisco Solano, que acompanhava Frei José Marcelano em suas viagens scientificas, delineando as plantas que este botânico descobria.

Apesar de tão precioso, titulo á estima dos sabios, não sei por que fatalidade uma obra de tão grande cunho, citada e elogiada por todos os sabios que a tinham visto e consultado, foi julgada inteiramente perdida : mas foi finalmente encontrada na Bibliotheca Publica desta Corte, e desenterrada do pó em que se achava no anno de 1825 pelo então Bibliothecario o Exmo. Sr. Frei Antonio da Arrabida, hoje Bispo de Anemua.

O Sr. D. Pedro I... houve por bem ordenar que o texto della fosse impresso na Typographia Nacional, debaixo da correção do mesmo Frei Antonio da Arrabida e do Dr. João da Silveira Caldeira, director do Museu e lente de Chimica da Academia Militar, ficando authorisados a enviarem os respectivos desenhos a Paris, afim de serem lytographados pelos mais habéis artistas.

A vontade do 1.º Imperador do Brazil foi fielmente cumprida, pois o mundo scientifico hoje possui uma *flora Fluminense*, composta de 11 volumes infolio grande, contendo cerca de 1.700 estampas, impressa com luxo tal que nada deixa a desejar, e a colloca a par das mais bellas obras deste genero.

Voltemos, porém, ao nosso distincto botânico, que já se acha na Cidade de Lisboa, e vejamos quaes os trabalhos que o occuparam durante sua residencia naquello reino.

Transportado de sua patria para tão differente theatro, não foi o esplendor do novo spectaculo capaz de deslumbrar seu espirito.

Acostumado sem interrupção ao estudo, e unido ao ardor de saber cousas novas e desejo de ser util á humanidade, elle empregou os dias preciosos da sua vida em escrever e traduzir os melhores artigos sobre sciencias naturaes, e principalmente sobre a agricultura do Brazil, e empregando todos os meios ao seu alcance para promover o melhoramento delle, dirigida então como ainda hoje, pela rotina, ou fatal costumeiro dos nossos avós, e incapaz de tirar deste fertilissimo e inexgotavel solo uma riqueza em proporção de suas forças nativas.

As pessoas mais instruidas e sabias do Reino disputavam a sua companhia, e sobretudo foi tão honrado pelo Exmo. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Conde de Linhares, que foi morar em sua propria casa ; e aproveitava da amizade e protecção que lhe consagrava o grande ministro, para favorecer os seus patricios, em quem reconhecia talentos.

O mesmo praticava com os portuguezes, incluindo nesse numero o insigne poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage, como elle mesmo confessa na Epistola, no Tomo 4.º de suas poesias, adiante transcripta.

Querendo favorecer as artes e as lettras, o sr. D. João 6.º, creou, um estabelecimento no Arco do Cego, consagrado a impressão de Obras sobre Agricultura e sciencias naturaes, que pudessem servir de guia aos Agricultores Brazileiros e Portuguezes; e para melhor ser prehenchido o fim a que elle era destinado, instituiu e annexou ao dito estabelecimento aulas de desenho e gravura, etc.

A dita Imprensa foi, por este motivo denominada: *Typographia Chalcographica, Typo-plastica e litteraria do Arco do Cego.*—

Em attenção a sua infatigavel actividade, e consumados conhecimentos, o padre Veloso teve a honra de ser escolhido pelo Principe regente para Director da mencionada Typographia e almejando em nada desmerecer do bom conceito que delle tinha formado o governo, o illustre brasileiro empregou com feliz-successo, os talentos com que fora doado pela natureza, no bom desempenho dos uteis fins para que se creara a Casa Litteraria do Arco do Cego, sendo bastante coadjuvado nos seus importantes trabalhos por outros dois celebres litteratos, brasileiros os Exmos. Antonio Carlos de Andrada Machado e Silva, e José Feliciano Fernandes Pinheiro (V. de S. Leopoldo), os quaes mais que muito, se distinguiram durante a sua estada no Novo Mundo.

Longo e fastidioso fora enumerar as muitas e interessantes obras que sahiram da Imprensa do Arco do Cego, compostas e traduzidas por seu digno director...

Tambem foram elaborados por frei José Marianno e impressas no Arco do Cego, as seguintes obras: *Alcographia dos Alcaes fixos*

vegetal ou potassa, mineiral ou ainda e dos seus nitratos, Lisboa, 1798—1 vol. 4.º.

Helmínthologia Portugueza ou descripção de algum genero das duas primeiras ordens, intestinaes e molluscos da classe 6.ª do reino animal, vermes; por Jacques Barbut e trad. por Frei José Marianno da Conceição Velloso.—Lisboa, 1799, 1 vol. com 2 estampas.

Memoria sobre a cultura da Urumbeba e criação da cochonilha extrah, por M. Bertholet das observações feitas em Guaxaca por M. T. de Menonville e trad.—Lisboa, 1799— 1 folheto em 8.º.

Mineiro Nivelador ou *Hydromeltra*—Lisboa 1803, 2 vols. em 4.º.

Quínographia Portugueza, ou collecção de Memorias sobre 22 especies de quinas, tendentes ao seu descobrimento nos vastos domínios do Brazil, ext. de varios autores modernos, Lisboa, 1799.— 1 vol. em 8.º com 16 estampas illuminadas, etc. e além destes trabalhos, muitos que incluímos na relação junta.

Conservou-se a testa da Typographia Litteraria do Arco do Cogo até o anno de 1801, em que o sr. D. João 6.º querendo anniar o estabelecimento da Imprensa Regia, creada por Alvará de 24 de Dezembro de 1768, e anhelando promover os uteis fins com que se instituíram a mesma, houve por bem, supprimir a dita casa litteraria do Arco do Cogo, a qual mandou encorporar com todas as suas officinas e pertences á Imprensa Regia e nomeou para directores litterarios da mesma os dous professores regios Custodio José de Oliveira, e Joaquim José da Costa e Sá; e os Brasileiros Frei José Marianno da Conceição Velloso e Hypolito José da Costa Pereira (bacharel) afim de decidirem das obras que deviam ser impressas na dita Typographia...

Foram tão avultados os serviços de Frei José Marianno da Conceição Velloso, que, em recompensa delles foi instituido Padre ex-provincial, por ordem de S. A. R. o principe regente, o qual lhe concedeu uma pensão de (500\$000) quinhentos mil reis, em remuneração de suas descobertas no reino vegetal.

Devem tambem ás suas luzes a honra de ser admittido socio correspondente da academia Real das Sciencias de Lisboa, e de varias outras sociedades scientificas e litterarias.

Tambem não olvidaremos dizer, para sua gloria, que mereceu obter da Santa Sé um Breve, em que S. Santidade Pio VII concedeu a provincia dos Franciscanos do Rio de Janeiro, o poderem celebrar a festividade do Coração de Maria, e com o rito de segunda classe.

Quando veio de Lisboa, trouxe consigo o supra-mencionado Breve; e viu-se então, pela primeira vez, a celebração daquella festa no Convento dos Religiosos Franciscanos da Corte do Rio de Janeiro, e assistiu a ella o orador que a tinha obtido, e que carregou em seus proprios hombros, o andor da Senhora, banhado em lagrymas de ternura e devoção para com a Santa Virgem.

O padre Velloso regressou de Lisboa para o Rio de Janeiro no anno de 1809, no tempo em que os Francezes commandados por Junot invadiram Portugal por ordem de Napoleão, e em que o sr. D. João 6.º fugindo dos raios do herco de Austerlitz, e de Marengo, veio refugiar-se na abençoada terra de Cabral.

Chogando a esta Corte, recolheu-se ao Convento do Santo Antonio, onde foi recebido nos braços de seus irmãos Religiosos.

Uma molestia do peito (hydro-thorax) proveniente talvez do excesso de seus estados e vigílias, o roubou ás sciencias na meia noite do dia 13 para 14 de julho de 1811, tendo de idade perto de 70 annos.

Seu corpo foi sepultado no quadro onde é costume enterrar-se os cadaveres dos Religiosos que fallecem no Convento da Corte do Rio de Janeiro.

Deixou, por sua morte, uma rica livraria, que foi offerecida pela Corporação do Governo, e acha se hoje reunida á bibliotheca publica desta Corte, como tambem varios manuscriptos seus, muitas traducções, etc.

O padre Velloso era affavel. Sua conversação, ao mesmo tempo que deleitava, instrua.

Tinha um genio facil a encolerizar-se, porém, facilmente se pacificava.

«Eu tenho mau genio, mas tenho bom coração.»

Apezar de ter vivido muitos annos fóra do claustro, foi sempre fiel a seus deveres, e em extremo desinteressado.

Este religioso tendo tido todas as proporções e recursos para secularizar-se, e mesmo instado por seus amigos particulares, digo seculares, para deixar o habito, nunca poz em execução semelhante projecto.

Preferiu a obediencia religiosa a sua liberdade que lhe trazia escrupulos e immenso desassocego de espirito.

Dopoiz do seu regresso de Lisboa para o Convento de Santo Antonio desta cidade do Rio de Janeiro, quando entrando em alguma cella achava varios Religiosos reunidos, não podia conter o seu onthusiasmo e no maior transporte de jubilo, num radiante assomo de prazer, exclamava, repetindo o começo do Psalmo 132:

Ecce quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum !...

Tal foi o illustre Brasileiro.

Desde os seus primeiros annos até aos ultimos cuidou incessantemente, e com todos os esforços, em engrandecer a esphera dos seus conhecimentos, quer nas Bellas Lettras, quer nas Sciencias Naturaes; n'uma palavra, em todos aquollos ramos em que o saber podia aproveitar mais a seus concidadãos.

Sua morte foi uma grande perda para o Brazil e para a Sciencia.

Milhares de homens fenecem, e são logo substituidos por outros: esta é a regra que rege os destinos da vida.

A morte de um homem de genio, porém, deixa após de si um vacuo immenso no Universo e a Natureza em lucto gasta ás vezes Se- culos a preencher-o.

Por sua não vulgar litteratura e avantajado saber sempre será o Padre Velloso tão respeitado de todos os que lerem os seus escri- ptos, como as suas amaveis qualidades o tornaram estimavel e caro a todos aquelles que se orgulharam em conhecê-lo.

Mas, tal é o destino humano, que basta um só momento, muitas vezes, para passar do seio da amizade, e do cumulo das honras e das aclamações, á solidão e ao silencio do tumulo !!!

Ao Rey, mo P. e M. e Fr. José Marianno
da Concelção Velloso

EPISTOLA

Qual dentre as rotas, naufragão, cavernas
Do lenho que se abriu, desfez nas rochas,
Colhe afanoso, deploravel, nauta,
Reliquias tenues, com que a vida estele,
Em erma, ignota praia a que abolaram,
E onde, a custo, o reuniu propicia antenna:
Tal eu, que da existencia o pego, o abysmo,
(De que assomam, rebentam, fugem, fervem,
Rochedos, escarções, tufões e ralos);
Tal eu que da existencia, o mar sanhudo,
Vi romper meu baixel, e arremessar-me
A inhospitos montões, decestranha areia,
Triste recolho os miseros sobejos,
Com que esvaído alento, instaure, esforce,
E avive os dias, que amorteco em magoar.

Em ti, constante desvelado amigo,
Demando contra a sorte azylo, e sombra,
Oh das Muzas Fautor, de Flora alumno!
(Rasgado o véo da Allegoria) estende
Ao metro, que desvale, a mão que presta.
Se as azas lhe deres, em suave adejo
De Lysia ao seio, que a virtude anima
D'elle cultores, voarão meus versos,
E o patrio, doce amor ser-lhe-á piedoso.

M. M. B. du Bocage.

MONSENHOR JOSÉ ANTONIO MARINHO

(N. em 1804 — M. em 1853)

A Regeneração — Ouro Preto, 23 de Março de 1853 — N. 14

Com a mais dolorosa magoa, soubemos pelo Correio de hontem que a terrivel Epidemia da febre amarella roubou-nos para sempre a vida preciosa de um dos nossos mais illustres compatriotas, o Sr. Co- nego José Antonio Marinho, fallecido no dia 13 do Corrente no Rio de Janeiro.

Nunca tanto nos doeu o coração, nunca tantas e tão justas lagry- mas derramar: os por um amigo; nunca tanto sentimos os golpes fol- minados pela mão da morte!

O illustre filho de Minas, que tanto honrou seu berço, o digno re- presentante do povo mineiro que só por seus grandes talentos che- gou a ser uma das nossas glorias parlamentares, o virtuoso ministro do Cræficado, que é honra de nossa Igreja; o philosopho generoso que se fez politico para melhor servir a patria, constituiu-se pastor da Igreja para bom servir a religião, educou-se nas sciencias para in- struir a nossa juventude; o veneravel sacerdote do Christo, o cidadão philantropo, o illustre parlamentar, o orador afamado dos templos sa- grados e das Assembleias populares desapareceu para sempre das scenas do mundo!

Magoados profundamente pela dor que nos causou tão fatal noti- cia, mal podemos escrever estas linhas, como um ultimo tributo de amizade e veneração que rendemos ao illustre e benefico brazil- leiro.

Possa a sua vida e conducta, ser imitada por outros brasileiros; possa a juventude que elle educara com tanto zelo e amor paternal seguir seus preceitos e conselhos; possa a geração nova produzir ci- dadãos como elle; que então o Brazil terá uma grande nação; a patria terá um nome glorioso, e a posteridade se julgará ditosa e feliz!

Mineiros! Cidadãos de todas as seitas, de todas as opiniões, uma lagryma de saudade, um tributo de gratidão e reconhecimento sobre o tumulo do nosso compatriota,

Uma oração pelo seu eterno descanso!

R. A. — 32